

Reich o primeiro psiquiatra materialista: a potência do capital humano

Lorene Gonçalves Soares¹

¹Psicóloga. Doutora e Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Professora de Pós-Graduação nas instituições: SOBAB, São Paulo; TEAB, Montevideu, Uruguai; Escuela Latinoamericana de Analisis Bioenergético, Buenos Aires, Argentina e Cidade do Panamá, Panamá. Vice-Presidente e Diretora de Ensino da SOBAB – Sociedade Brasileira de Análise Bioenergética. Diretora de Comunicação da FLAAB – Federação Latinoamericana de Análise Bioenergética.
E-mail: lorenesoares@uol.com.br

Resumo: Wilhelm Reich foi um autor revolucionário para a sua época, tendo sido acolhido por alguns e incompreendido por muitos. Esse artigo trata de recuperar o que Reich tem de potente em sua obra, especialmente no que diz respeito a valorização da vida. Articulo as ideias de Reich com o pensamento de Gilles Deleuze e Feliz Guattari, que no livro o anti-Édipo fizeram vasta referência a Reich, onde afirmaram a radicalidade do seu pensamento como o primeiro psiquiatra materialista. O artigo faz uma descrição breve do percurso de Reich em suas pesquisas teóricas. À medida em que vão sendo enumeradas suas ideias vou tecendo conexões com o pensamento de Deleuze e Guattari, especialmente na sua luta pela livre expressão do desejo e na afirmação da vida.

Palavras-chave: Reich – Deleuze – Guattari – desejo – energia vital – potência.

Reich The First Materialistic Psychiatrist: the power of Human Capital

Abstract: Wilhelm Reich was a revolutionary author in his time; welcomed by some, misunderstood by many. This article intends to recover the power and potential of his work, especially what concerns the value of life. I assemble a link between Reich's ideas and the thought of Gilles Deleuze and Félix Guattari, who quoted Reich's work in the book Anti-Oedipus, affirming that Reich is the first materialist psychiatrist. This article makes a brief description of Reich's theoretic investigations. As I take the reader down this path, I weave a fabric made of Reich's ideas and Deleuze and Guattari's philosophy, emphasizing Reich's struggle for the free expression of desire and the affirmation of life.

Keywords: Reich – Deleuze – Guattari – desire – vital energy – potential

No caminho de perseguir dúvidas, de fazer questionamentos, desenvolvi bastante intimidade com as ideias de Wilhelm Reich, discípulo de Freud, pertencente à Sociedade de Psicanálise de Viena até 1934. Muitos dos ensinamentos da teoria que desenvolveu Reich, chamada Análise do Caráter, deram sentido ao meu pensamento como psicoterapeuta e apóiam a minha prática clínica. Privilégio o pensamento reichiano, especialmente até a publicação de Análise do Caráter, por ser a forma de pensar com a qual melhor componho. Levando em conta esta teoria criarei a possibilidade de diálogo com as ideias de Gilles Deleuze sobre singularidade. Ainda que estes autores tenham percorrido trilhas muito diversas, é possível fazer articulações e cruzamentos com pensamentos tão potentes.



Pensar o valor da vida para estes dois autores tem aproximações interessantes. Para Deleuze “*a vida compreendida na sua positividade primeira tem ela própria um poder. Contra o poder sobre a vida está o poder da vida. E este poder vem antes, é primeiro. Tem uma positividade da própria vida*” (DELUZE e GUATTARI, 2010). A potência do capital humano é a Biopotência. A potência da vida. Para Deleuze a vida, singularmente, é mais potente do que qualquer poder sobre ela. A vida está sempre se inventando e se reinventando. Por isso, não sabemos o que pode a vida. Ela é invenção e novas possibilidades sempre.

Vou introduzir Reich procurando acompanhar como ele pensava a vida. O pensamento deste autor teve vários momentos, ao longo de seus profícuos estudos e escritos. Porém, o que permaneceu constantemente foi a busca pelo valor da vida como valor maior. Aqui vejo aproximações interessantes entre os autores citados.

Ao conhecer a psicanálise, ainda estudante de medicina, Reich encontrou eco para suas angústias no que dizia respeito à dor humana. Porém, o pensamento psicanalítico não deu sossego aos seus questionamentos, e foi na técnica psicanalítica onde encontrou as primeiras dificuldades. Buscou o próprio caminho, criando uma nova técnica e desenvolvendo a teoria da análise do caráter. Quando estudava medicina, Reich se interessou por sexologia, psicologia, ciência natural e filosofia. O tema da sexualidade o levou a empreender tais estudos. Interessava-lhe o que havia à dizer sobre os instintos, o que mais tarde foi chamado por Freud de pulsão.

O autor que fez mais sentido a Reich para compor estas ideias foi Bérqson. Deleuze e Reich tem em comum o interesse pelas ideias de Bérqson. Reich encontrou comunicabilidade entre suas ideias sobre a natureza não mecanicista do organismo e a explicação de Bérqson sobre a duração temporal na experiência psíquica, e da unidade do ego. Também a ideia de “*élan vital*” de Bergson, fazia sentido para ele, por conter a mesma o princípio de uma força criativa governando a vida. Por outro lado, trazia um conflito: pois era algo que não podia ser tocado, descrito, tratado objetivamente. O que era difícil para Reich que tinha um espírito investigativo fortemente influenciado pelas ciências puras e pelo positivismo. No entanto, encontrava uma aproximação entre a ideia de élan vital e a ideia de libido. Em suas palavras: “*A minha atual teoria da identidade e unidade do funcionamento psicofísico teve a sua origem no pensamento bergsoniano e se tornou uma nova teoria da relação funcional entre o corpo e mente*” (REICH, 1995).

Encontrou maior ressonância nas formulações dos vitalistas, por parecerem mais próximos de um entendimento do princípio essencial. Porém, a ideia mecanicista de que o organismo operava como uma máquina parecia-lhe intelectualmente mais acessível. Parecia mais próxima do campo da física. Sua formação de médico lhe orientava para um pensamento mecanicista e ultrassistemático. Interessava-se por anatomia sistemática, principalmente, do cérebro e de todo o sistema nervoso. Levou muitos anos para solucionar o conflito entre mecanicismo e vitalismo. Foi buscar na filosofia e mais uma vez encontrou uma controvérsia: quem precede, o corpo ou o espírito? Na biologia encontrou uma mistura de finalismo vitalista e materialismo causal. Procurou conhecer a teoria da hereditariedade de Kammerer. Até 1919 já tinha lido as diversas concepções sobre sexualidade em Forel, Moll, Bloch, Freud e Jung. Percebeu o quanto era diferente a concepção de cada um destes cientistas sobre a sexualidade. Apenas em Freud sentia consistência. Em suas próprias palavras “*É preciso estar familiarizado com essa atmosfera nos campos da sexologia e da psiquiatria antes de Freud para entender o entusiasmo e o alívio que senti quando o encontrei. Freud havia aberto uma estrada para a compreensão*



clínica da sexualidade” (REICH, 1986). A teoria da libido de Freud fez completo sentido para Reich. A pulsão como algo inconsciente, sendo consciente apenas os derivados da pulsão: ideias ou sentimentos sexuais.

Dando continuidade aos seus estudos encontrou relações da sexualidade com a endocrinologia, e com o sistema nervoso autônomo. A ciência da época pregava que a sexualidade estava restrita aos tecidos intersticiais das gônadas. Reich observou que a energia sexual opera no corpo inteiro. Esta concepção foi decisiva para todo o seu pensamento científico e clínico que advém deste momento. Desta forma, a psicanálise foi adquirindo supremacia sobre todas as demais disciplinas estudadas por Reich. Passou a analisar seu primeiro paciente usando a teoria e a técnica da psicanálise. Reich veio a se tornar membro da Sociedade de Psicanálise de Viena, como o mais jovem, pois a maioria dos psicanalistas eram 10 anos mais velhos ou mais do que ele. Continuou então sua pesquisa, coordenando os Seminários Clínicos da Sociedade de Psicanálise de Viena. Usando a técnica de procurar tornar consciente os impulsos inconscientes de seus pacientes, obteve bons resultados, curando parcialmente ou até mesmo auxiliando a eliminar completamente alguns sintomas. Nessa época, o sintoma era visto como um elemento estranho em um organismo psíquico. Ou seja, era corrente que caso o sintoma não estivesse presente o organismo seria são. Isto trouxe a Reich questões que só conseguiria resolver mais tarde com a sua teoria da Análise do caráter.

No Congresso Internacional de Berlim Freud propôs um desafio: devia-se fazer uma investigação minuciosa entre a teoria e a prática da terapia. A questão se apresentava da seguinte maneira: até que ponto a teoria melhora a terapia, ou até que ponto uma técnica melhorada permite melhores formulações Teóricas? Esta proposta feita por Freud orientou o trabalho clínico de Reich nos cinco anos seguintes. Ao voltar de Berlim propôs a jovens colegas que ainda não eram membros da Sociedade de Psicanálise que organizassem um seminário em uma das reuniões da Sociedade, ao que Freud aprovou entusiasticamente. As questões sobre a técnica, nesta ocasião, levavam em conta que as pulsões reprimidas seriam o material a ser trabalhado pela análise. Isto se revelou mais acessível que o ego, apesar de aparentemente o ego estar mais próximo da consciência. O que se formulou é que não apenas o desejo sexual proibido é inconsciente, mas também as forças defensivas do ego. Desperta atenção então sobre o fenômeno da chamada reação terapêutica negativa, ou transferência negativa. Ou seja, as forças defensivas do ego, que ao terem seus desejos inconscientes revelados, se erguiam em defesa, apresentando uma piora ao invés da melhora esperada. Mais tarde isto se revelou como o medo fisiológico do prazer e a incapacidade orgânica de experimentar o prazer.

Na sua incessante busca científica, Reich procurou observar pacientes mentais (nomenclatura usada por ele para referir-se a pacientes psicóticos ou esquizofrênicos). Para a psicanálise, no paciente mental a consciência é inundada pelo inconsciente. Isto levaria a ruptura no caos que isola o inconsciente do indivíduo, e na perda de critério para avaliar a realidade exterior. Porém, para Reich parecia prematuro concluir que na esquizofrenia ocorresse uma regressão autoerótica. Neste caso, a loucura seria uma tentativa de reconstrução do ego perdido. Por esta ocasião Reich desconhecia as sensações do paciente mental quanto ao seu próprio corpo.

Tentava apenas estabelecer uma relação entre o que é a experiência enquanto eu e o que é a experiência enquanto mundo. Estas observações formaram a base da minha ulterior convicção de que a perda de sentido da realidade no esquizofrênico começa com a interpretação errônea das sensações do seu próprio corpo em desenvolvimento. (REICH, 1995).



Continuando seus estudos sobre biologia, Reich descobriu que as excitações bioelétricas se encontravam nas correntes vegetativas. Isto o levou a concluir que o mecanismo que influenciava o esquizofrênico era uma projeção do seu próprio corpo, especialmente dos órgãos sexuais. Por isto o paciente esquizofrênico sentia o seu próprio corpo como seu perseguidor. Era impossível para ele suportar as correntes vegetativas que irrompiam. Neste caso as tomava como algo estranho a si próprio, como algo pertencente ao mundo exterior e que tinha más intenções. Reich concluiu que o esquizofrênico apenas revela a forma exagerada da condição humana. *“O homem moderno é estranho à sua própria natureza, ao cerne biológico do seu ser, e o sente como estranho e hostil”* (REICH, 1995). Para Reich a impossibilidade de a natureza humana ser vivida, era enfrentada pelo neurótico em seus processos de repressão e negação de sua natureza, ficando ele mesmo, o homem, estranho ao seu corpo.

Outra questão relativa à técnica que preocupou Reich foi a proposta da livre associação. Parecia-lhe insuficiente para dar conta do processo analítico. Isto trazia algum alívio ao paciente, que deitado no divã poderia dar livre curso aos seus pensamentos. Reich acreditava que esta não era uma regra realmente seguida por ninguém. Havia ainda a questão: o tornar consciente o inconsciente não necessariamente eliminava o sintoma. O que estaria faltando para que se processasse a cura? Esta questão era a perseguição constante de Reich. Não que ele desvalorizasse a técnica da associação livre, apenas a julgava insuficiente. Em suas palavras: *“A chamada regra básica da psicanálise, que requer a eliminação do censor e a entrada e, cena da ‘livre associação de pensamentos’, é o processo mais rigoroso e indispensável da técnica analítico”* (REICH, 1995).

Partindo da biologia Reich começou a investigar a questão do “prazer-desprazer”. A concepção habitual de tensão era tida como desagradável. Porém, não ocorria o mesmo na sexualidade. Suas observações o levaram a concluir que a pulsão não é nada mais do que o “aspecto motor do prazer”. Pois a tensão gerada na excitação sexual é causada pela antecipação do prazer que virá, desta forma causando pequenas descargas de excitação. Esta pequena satisfação mais a esperança do prazer que virá com o clímax diminuem a tensão anterior à completa descarga. *“O impulso sexual não é senão a lembrança motora de um prazer previamente sentido.”* (REICH, 1995). A partir destas observações Reich foi concluindo sua teoria sobre potência orgástica e impotência orgástica.

Na sua experiência médica seja na prática particular, na clínica psicanalítica, e na clínica neuropsiquiátrica, Reich foi confirmando sua teoria: *“A gravidade de todas as formas de enfermidade psíquica está diretamente relacionada com a gravidade da perturbação genital. As probabilidades de cura e o sucesso da cura dependem diretamente da possibilidade de estabelecer a capacidade para a satisfação genital plena”* (REICH, 1995). Assim ele formula a conclusão sobre potência orgástica, onde somente a plena satisfação genital significaria potência orgástica. Neste caso, se os sintomas neuróticos eram energeticamente originados da perturbação genital, toda a neurose constituía-se em uma genitalidade perturbada. Reich buscava na experiência clínica o fundamento para suas ideias, sendo um investigador contumaz. Muitos foram os pacientes que o levaram a fazer novas descobertas e mudaram o rumo do seu pensamento. Alguns foram mais importantes e relatados amplamente em sua obra.

Quando se encontrava mergulhado nos estudos sobre sexualidade tratou um garçom que nunca havia experimentado uma ereção. O paciente não apresentava nenhuma disfunção orgânica. Reich o tratava seis vezes



por semana, e no entanto, não conseguiu nenhum sucesso ao longo de um ano de tratamento. Isto o levou a ficar mais atento às fantasias masturbatórias dos pacientes. Em suas observações descobriu que estas fantasias sempre estavam associadas a qualquer situação que não a da genitalidade, ou seja, envolviam o órgão genital, mas não tinham um objetivo genital. Desta forma, Reich foi descobrindo a importância do papel da genitalidade na terapia das neuroses. Em suas próprias palavras:

Nenhuma das minhas atuais ideias sobre as funções biológicas da esfera psíquica poderia ter sido possível, ou teria sido superficialmente confirmada, se eu não tivesse levado a cabo amplas investigações sobre a vida da fantasia inconsciente. O objetivo do meu trabalho é o mesmo hoje e há vinte anos: o despertar das experiências da primeira infância. Entretanto, o método para consegui-lo mudou consideravelmente; tanto, na verdade, que nem se pode mais chamar de psicanálise. Esse estudo das práticas genitais dos pacientes moldou as minhas ideias clínicas. Tornou-me capaz de ver novas conexões na vida psíquica. Entretanto, o meu trabalho, incluindo o da atividade da memória, foi levado a cabo inteiramente dentro da estrutura do empirismo psicanalítico geral (REICH, 1995).

Com essas descobertas, Reich foi dando primazia a observações a partir do campo da economia sexual: *O trabalho experimental no campo da economia sexual conseguiu logo demonstrar que o inconsciente de Freud está presente e é concretamente perceptível sob a forma de sensações e impulsos do meio vegetativo*” (REICH, 1995). Nessa medida os pacientes mentais hospitalizados foram de grande ajuda para a continuidade do desenvolvimento de suas ideias. Ele descobriu o quanto tantas vezes uma experiência psíquica pode provocar uma resposta somática, chamando a este fenômeno de ancoragem fisiológica de uma experiência psíquica. Na decorrência de seu trabalho clínico teve amplas possibilidades de aplicar este conceito às enfermidades orgânicas. *“Quando finalmente aprendi a causar acessos de violência em neuróticos emocionalmente bloqueados e muscularmente hipertensos, consegui, muitas vezes, obter melhoras consideráveis para o estado geral do paciente*” (REICH, 1995). Este processo não tem como objetivo, apenas uma descarga catártica, mas sim busca uma ancoragem fisiológica para a experiência que ficou registrada corporalmente e não consciente no organismo. O seu trabalho com o corpo foi consequência do desenvolvimento da técnica da vegetoterapia caracteranalítica. Esta técnica foi sendo introduzida na medida em que Reich se distanciava teoricamente das postulações da psicanálise.

Reich como pesquisador esteve sempre preocupado com a preservação da vida na sua maior possibilidade de fluxo. Boa parte do seu trabalho se dirigiu para uma técnica terapêutica que conseguisse incrementar a potência orgástica. Ou seja, a potência orgástica para Reich era a possibilidade do indivíduo exercer a vida em sua plenitude. Não permitindo, que fatores recalcados ou reprimidos no aparelho psíquico desviasse o homem de seu fluir na vida, para ele, na direção do orgasmo, ou da plena realização do prazer. Claro que isto vivido sempre como fluxo, ou seja, com movimento. A um aumento de excitação se sucede a possibilidade de descarga orgástica, num fluxo contínuo, enquanto se estabelece a vida.

Apoiado em suas pesquisas na clínica Reich foi um opositor à teoria freudiana da pulsão de morte. Para ele não poderia a vida em sua explicação biológica, abrigar a sua antítese que seria um instinto de morte. Ele se refere à introdução do conceito de pulsão de morte na psicanálise:



Até então a neurose era considerada como resultado de um conflito entre a exigência sexual e o medo da punição. Agora se dizia que a neurose era um conflito entre uma exigência sexual e uma exigência de punição, isto é, exatamente o oposto do medo à punição por atividades sexuais. Isso era uma completa destruição da teoria psicanalítica da neurose. Estava em desacordo com todas as observações clínicas. Estas últimas não deixavam dúvidas de que a primeira formulação de Freud era correta, isto é, as neuroses eram causadas pelo medo à punição da atividade sexual e não pelo desejo de ser punido por causa dela (REICH, 1995).

Mais adiante ele se refere aos colegas psicanalistas dizendo:

Os expoentes do instinto de morte, que apareciam em número cada vez maior e com dignidade crescente porque podiam falar em ‘Thanatos’ em vez de sexualidade, atribuíam a intenção neurótica autodestruidora do organismo psíquico enfermo a um instinto biológico primário da substância viva (REICH, 1995).

Neste momento, Reich, sempre apoiado na prática clínica, observa que o masoquismo não se apresenta como algo pulsional ou como resultado de uma necessidade biológica; se apresenta como uma resposta neurótica. Escreveu longamente sobre o masoquismo e quanto ele servia aos interesses da sociedade, ou seja, o interesse daqueles que mantinham o poder. Continua Reich:

A compreensão do mecanismo do masoquismo abriu-me caminho no campo da biologia. A angústia humana de prazer tornou-se compreensível como uma mudança fundamental na função fisiológica do prazer. Sofrer e suportar o sofrimento são resultados da perda da capacidade orgástica para o prazer. Assim, sem que o pretendesse, eu havia descoberto a natureza dinâmica de todas as religiões e filosofias do sofrimento (REICH, 1995).

Na repressão social Reich encontrava a gênese da impossibilidade de entrega do indivíduo e ao prazer que estariam no cerne do cumprimento da sua função biológica. Para ele “...a libertação do pecado interior, isto é, da tensão sexual interior – libertação que o indivíduo não é capaz de alcançar por si mesmo – é esperada de Deus, figura todo-poderosa. Ao mesmo tempo, é experimentada como um ‘pecado’. Assim, não pode efetuar-se por meio da própria vontade do sujeito. Outra pessoa tem de realizá-la, seja em forma de punição, perdão, redenção, etc” (REICH, 1995). Com estas palavras Reich denuncia o caráter transcendente, que rouba do indivíduo as suas possibilidades atribuindo o poder a quem está de fora, sobre sua própria vida e seu desejo.

O comprometimento de Reich com o social, na medida que via o homem como um ser sociológico, político, biológico e psicológico, fez com que sempre examinasse sua teoria à luz do movimento da sociedade. Ele considerava que era necessário ao poder que a classe operária pudesse ser mantida pelo masoquismo. Dentro de uma postura masoquista haveria mais possibilidade para o domínio da classe trabalhadora, assim como a sua submissão ao poder vigente. “Em forma de ideologia e prática de várias religiões patriarcais, o masoquismo prolifera como erva má e sufoca todos os direitos naturais à vida. Mantém as pessoas no estado abissal de submissão. impede as suas tentativas de chegar a uma ação racional comum e os satura do medo de assumir a responsabilidade de sua existência” (REICH, 1995). Percebia também que a psicanálise atribuía como neurótica a revolta ao pai e, posteriormente, à liderança autoritária do Estado. “Freud explicava a natureza catastrófica e caótica das condições sociais apoiando-se no instinto de morte, que espalhava a destruição da sociedade. os psicanalistas sustentavam estarem as massas biologicamente masoquistas. Uma força policial punitiva, disseram alguns, era uma expressão natural de um masoquismo biológico das massas.” (REICH, 1995).



Deleuze e Guattari em *O anti-édipo*, já viam Reich como o primeiro a identificar a relação da repressão do desejo com o campo social. Apontam que Reich não via como Freud, uma angústia primeira que seria responsável pela gênese do recalçamento de maneira endógena.

A força de Reich foi ter mostrado como o recalçamento dependia da repressão. O que não implica nenhuma confusão dos dois conceitos, já que a repressão tem justamente necessidade do recalçamento para formar súditos dóceis e assegurar a reprodução da formação social, inclusive em estruturas repressivas (DELUZE e GUATTARI, 2010).

Para estes autores, faltou a Reich a suficiente formação do conceito de máquina desejante, o que não lhe permitiu perceber a inserção do desejo na vida econômica e na produção social. A tradição psicanalítica via o desejo como **falta**, ou seja: se deseja aquilo que não se tem, aquilo que nos falta. Para Deleuze e Guattari o desejo não é o que nos falta. O desejo é o que nos move. Daí o conceito de máquina desejante criado por estes autores. Para Deleuze e Guattari as máquinas desejantes operam como agenciamentos ou acoplamentos de fluxos e cortes de fluxos. Para eles, “*o desejo não pára de efetuar o acoplamento de fluxos contínuos e de objetos parciais essencialmente fragmentários e fragmentados. O desejo faz correr, flui e corta.*” (DELUZE e GUATTARI, 2010). Essa ideia de desejo como movimento produtivo se opõe à ideia de falta da psicanálise clássica. Deleuze e Guattari dizem que ao desejo não falta nada, não lhe falta um objeto; ele é movimento.

Deleuze e Guattari reconhecem a tentativa de Reich de não se aprisionar a conceitos que distanciavam o homem do contexto social. Perceberam nele, a tentativa de aproximar a psicanálise do homem natural. Concluem que não lhe foi permitido ousar contra as posições de Freud, e por isso mesmo tendo sido banido do reconhecimento da psicanálise. Para Deleuze e Guattari, Reich não recebeu o devido reconhecimento:

[...] Reich, em nome do desejo, fez passar um canto de vida pela psicanálise. Na resignação final do freudismo, ele denunciava um medo da vida, um ressurgimento do ideal ascético, um caldo de cultura da má consciência (DELUZE e GUATTARI, 2010).

Os autores reconhecem que Reich sempre esteve à frente na valorização da vida. Foi um homem do seu tempo, e utilizou todo o seu repertório em nome da liberdade de ser e de se exprimir. Ainda que tenha tido muitos aspectos controversos lutou pela livre expressão do desejo e pela afirmação da vida.

Referências

DELUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **O anti-édipo**. São Paulo: Ed.34, 2010.

REICH, Wilhelm. **A função do orgasmo**. 19.ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. **Análisis del carácter**. 3.ed. Buenos Aires: Paidós, 1986.